

Para se encontrar quem se perde

O "Localiser" permite saber onde o seu utilizador está, através de um site da internet.

DOENTES de Alzheimer, pessoas com problemas de saúde, crianças ou cidadãos em geral, preocupados com a sua segurança, podem agora estar facilmente localizáveis ou pedir socorro de forma rápida.

O "Localiser" é parecido com um telemóvel mas tem uma utilização mais simples. Tem duas versões, uma para uso de pessoas e outra para instalar em automóveis. Trata-se de um sistema que permite localizar permanentemente o utilizador (por satélite), através da internet. O utente do serviço pode pedir ajuda em situações de emergência ou fazer chamadas para números pré-definidos.

Por isto, o aparelho também é mais caro que um telemóvel e está longe de grande parte dos bolsos nacionais. O preço de um só objecto, para instalar no carro, custa cerca de mil euros por ano e um "Localiser" pessoal fica por 774 euros.

Paula Soleiro confessa que



GETTY IMAGES

VIGILÂNCIA constante permite maior segurança.

procurava há muito um produto do género. "A minha mãe tem Alzheimer, mas não quero que perca a qualidade de vida. Continua a viver sozinha e, devido à doença, deixamos muitas vezes de saber onde está", explica uma das primeiras utilizadoras

do serviço. "As crises fazem parte da doença e acontecem imprevisivelmente", esclarece.

Sistema usado em carros

O sistema para viaturas — "Localiser drivers" —, permite pedir rapidamente ajuda, em caso de emergência. Basta premir um botão que comunica com a central, que emite depois o pedido de ajuda. Em caso de inconsciência do condutor, ou assalto — os operadores podem aperceber-se através do silêncio ou de ruídos que indiquem perigo — é logo pedido auxílio às entidades apropriadas. Em caso de roubo, uma vez que o sistema está instalado de forma oculta, pode ser fácil detectar o paradeiro do veículo, mesmo fora do país.

Em relação à violação de privacidade do utilizador que passa estar sempre vigiado, o vice-presidente do Observatório de Segurança e Crime Organizado, José Anes, diz que é uma escolha. "Aceita-se ter um pouco menos de liberdade e ser-se constantemente vigiado, em prol da segurança, hoje, mais complexa." **SÓNIA LAMY**